

O BAILE CHARME PELOTENSE

IENCZAK, Paulo Renato Souza.¹ GILL, Lorena Almeida²

¹ Universidade Federal de Pelotas, Licenciatura em História - pauloienczak@gmail.com;

² Universidade Federal de Pelotas, Instituto de Ciências Humanas -
lorenaalmeidagill@gmail.com.

1. INTRODUÇÃO

O seguinte trabalho irá realizar uma discussão baseada em entrevista de História Oral realizada no dia 23 de fevereiro de 2013, como parte integrante do processo de avaliação da disciplina Laboratório de História Oral, cadeira ofertada no curso de Bacharelado em História da UFPEL. O autor cursou essa disciplina com o intuito de se preparar melhor para realização de pesquisa de seu trabalho de conclusão de curso (TCC), que será defendido para obtenção de diploma no curso de Licenciatura em História no semestre de 2013/2.

A temática que se investigou com a entrevista foi o movimento *black*, especificamente o “baile charme”, festas onde predominava a música negra norte-americana, inspirados e influenciados pelo movimento *blackpower*. Nas palavras de NACKED:

(...) se organizaram em festas semelhantes aos soundsystems jamaicanos: os bailes Black. Regados à música americana e às suas versões e interpretações nacionais, essas festas conectavam as narrativas brasileira e americana através da apropriação do discurso dos negros do norte (2012, p. 3)

A motivação para essa temática veio do interesse pessoal do autor pela música negra, em especial o hip-hop e o próprio “charme”, bem como a certeza de que era uma pesquisa viável, devido a conversas anteriores com professores familiarizados com a história oral e com pesquisas de cunho mais cultural. Por conhecer o movimento black pelotense o autor já tinha a perspectiva de alguns possíveis entrevistados, o que também deu mais segurança para seguir em frente.

Baseando-se no guia geral de História Oral de HOLANDA e MEIHY (2007), nos escritos de VERENA (2005) sobre o mesmo tema, nas reflexões de POLLAK (1992) sobre memória e identidade social e na bibliografia lida e discutida ao longo do semestre, a respeito de temas fundamentais como memória, identidade, ética em história oral, buscar-se-á refletir sobre a prática da entrevista e sobre a oralidade como fonte histórica.

2. METODOLOGIA

A entrevista realizada pelo autor foi um trabalho de História Oral temática. De acordo com VERENA: “As entrevistas temáticas são aquelas que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido (...)” (2005, p.37). Este foi o pontapé inicial para uma pesquisa mais aprofundada, constituindo já o trabalho de conclusão de curso do autor.

Diferente da entrevista jornalística, a História Oral envolve maior preocupação com o roteiro, necessitando de um projeto, que é o que realmente caracteriza uma entrevista como sendo de história oral. Holanda e Meihy (2007) definem a importância do projeto para um verdadeiro trabalho com história oral, chamando atenção que o conjunto de antecipar ações através do projeto – que deve conter justificativa, relevância social da pesquisa e uma boa fundamentação teórica – e, depois, levar a cabo a pesquisa, realizar a entrevista e transcrevê-la, obter uma carta de cessão e retornar à comunidade com o resultado do trabalho, é o que podemos chamar de História Oral.

Como era a primeira entrevista, buscava-se um panorama geral. A ideia é reconstituir, através da narrativa, aquele ambiente cultural, as vestimentas, linguagens e códigos do grupo, partindo da experiência pessoal da narradora, relatando suas memórias através da entrevista. Foram pensadas perguntas um tanto amplas e, ao mesmo tempo, descritivas.

A escolha dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragens, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência. Assim, em primeiro lugar, convém selecionar os entrevistados entre aqueles que participaram, viveram, presenciaram ou se inteiraram de ocorrências ou situações ligadas ao tema e que possam fornecer depoimentos significativos. (VERENA, 2005, p.31)

A entrevistada não era uma pessoa diretamente envolvida com a execução e militância desse movimento cultural, mas sim uma admiradora e adepta da cultura. Sua experiência pessoal foi o que delimitou a temporalidade dessa parte da pesquisa, que ficou focada na década de 1980, período em que a narradora frequentou o referido evento musical.

A História Oral tem a capacidade de produzir fontes históricas a partir do relato de pessoas simples, que participaram direta ou indiretamente de eventos ou conjunturas

sociais, fornecendo informações que muitas vezes não podem ser identificadas em fontes escritas, como documentos ligados ao Estado ou matérias jornalísticas. Essa metodologia, por essência, dá visibilidade aos agentes até então invisíveis na história: o soldado, o trabalhador, o excluído, a pessoa comum (HOLANDA; MEIHY, 2007).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Até o momento foi realizada uma entrevista de História Oral, com uma narradora que participou do baile charme enquanto frequentadora, rendendo uma narrativa rica e humanizada, onde a experiência pessoal e a significância do movimento para a vida da entrevistada estiveram muito presentes.

Para continuação da pesquisa serão realizadas mais três entrevistas, buscando narradores que estivessem envolvidos mais diretamente na organização dos eventos, bem como frequentadores em épocas distintas do que os anos 1980.

As discussões sobre identidade e cultura negra, baseadas nos estudos culturais e proposições de HALL (2009) bem como a reconstrução da história do movimento black pelotense são o desafio de pesquisa, buscando cruzar as fontes orais com outras, como as fontes vindas de periódicos e da imprensa local do município de Pelotas.

4. CONCLUSÕES

Concluindo, a primeira experiência do autor com história oral foi positiva, rendendo já algumas reflexões interessantes e também experiência prática de entrevista. A perspectiva de realizar a continuação desse projeto de pesquisa com o Trabalho de Conclusão de Curso será um desafio maior, exigindo conhecimentos de outras áreas, no diálogo com a antropologia, e também um projeto completo de História Oral, pensando estratégias para mais entrevistas com diferentes narradores. Não há dúvida de que com essa primeira experiência todo esse trabalho fluirá muito mais facilmente.

A História Oral é um método eficaz para investigar temas marginais e pouco explorados, que podem mesmo carecer de registros escritos para seu estudo, até por se tratar sempre de uma História muito recente. Com a continuação da pesquisa busca-se também valorizar o movimento *black* pelotense, dialogando com a comunidade e buscando dar um retorno para ela através dos resultados do trabalho. Afinal, o saber acadêmico deve servir à sociedade, e não o contrário.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTOS, Rafael José de Menezes. Etnomusicologia no Brasil: algumas tendências hoje. **Revista Antropologia em primeira mão** [da] Universidade Federal de Santa Catarina, n.1, v.67, p.4-17, Florianópolis, SC, 1995. Acessado em: 15 de set. De 2013. Online. Disponível em: <<http://www.antropologia.ufsc.br/67.%20rafael-bahia.pdf>>.

BOM MEIHY, José e HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

HALL, Stuart. **Dá diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

MACHADO, Eliane. **O baile charme pelotense na década de 1980**. Pelotas, 23/02/2013. Entrevista concedida a Paulo Renato Souza Ienczak.

NACKED, Rafaela Capelossa. Identidades em diáspora: o movimento Black no Brasil. **Revista Desenredos**, Teresina, ano IV, n.12, 2012. Acessado em: 15 de mar. de 2013. Online. Disponível em: <<http://desenredos.dominiotemporario.com/doc/12-artigo-Rafaela-BlackMusic.pdf>>

NACKED, Rafaela Capelossa . **Identidades negras em diáspora: Narrativas da negritude através de músicas dos anos 1960 e 1970**. Acessado em: 15 de mar de 2013. Online. Disponível em: <www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/agenda_eventos/.../11870.pdf>

NORA, Pierre Entre história e memória: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.

PINTO, Tiago de Oliveira. Etnomusicologia: da música brasileira à música mundial. **Revistas USP**, São Paulo, n.77, p.6 -11, mar/abr/mai 2008. Acessado em: 15 de set. de 2013. Online. Disponível em: <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?pid=S0103-99892008000200002&script=sci_arttext>.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

VERENA, Alberti. **Manual de História Oral**. 3.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.